



ERA NOVA. REVISTA DO MOVIMENTO CONTEMPORANEO – Publicou-se, mensalmente, em Lisboa, sob a **direção de Teófilo Braga**¹ (1843-1924) e **Teixeira Bastos**² (1857-1901), entre **Julho de 1880 e Setembro 1881**. A publicação esteve interrompida, durante 4 meses, de Fevereiro a Maio de 1881, por razões nunca referidas. Colocamos como hipótese explicativa a mudança de instalações do Centro Republicano Federal (a que mais à frente aludimos) e a entrada em funcionamento do Centro Henriques Nogueira, que o diário *O Século* anunciou para o dia 23 de Janeiro de 1881, acrescentando ainda que integravam a comissão executiva: «o jornalista e industrial Silva Lisboa, e os srs. José Joaquim dos Reis, Silva Graça e António Furtado»³, todos eles com responsabilidades de direção e/ou administração na *Era Nova*. A revista **começou por ser propriedade de António Furtado**, que era também «gerente».

¹ Joaquim Teófilo Fernandes Braga – Professor, escritor e ideólogo republicano. Nasceu em Ponta Delgada, a 24 de Fevereiro de 1843, filho de um oficial do exército miguelista, também professor de liceu, e de uma senhora da aristocracia dos Açores. Licenciou-se em Direito, na Faculdade de Coimbra (1862-67). Fez parte da designada *Geração de 70*, participando ativamente na contestação ao academismo e colaborando em revistas como *O Instituto* (1852-1981), *Revista de Coimbra* (1865-1866), *Revista Contemporânea de Portugal e Brasil* (1859-1865) e *A Grinalda* (1855-1869). Em Coimbra tomou contato com o positivismo, do qual foi um arauto, deixando uma vasta obra de erudição e divulgação. Participou na organização das Conferências Democráticas do Casino Lisbonense (1871). A partir de 1872, tornou-se professor de Literaturas Modernas, no Curso Superior de Letras, antecessor da Faculdade de Letras de Lisboa. A partir da década de setenta envolveu-se com o movimento republicano, particularmente com a corrente federalista. Fundou, dirigiu e colaborou intensamente na imprensa republicana. Durante a monarquia constitucional, foi por mais de uma vez candidato a deputado. Também foi vereador da Câmara Municipal de Lisboa (1887). Integrou diversas vezes o diretório do Partido Republicano Português, tendo redigido o seu programa (1891). Sob a República, foi presidente do Governo Provisório, deputado à Assembleia Constituinte, e eleito a 29 de Maio de 1915, para completar o tempo de mandato do primeiro presidente da República, Manuel de Arriaga. A sua vasta obra cobre diversas áreas, desde a poesia à ficção, história da cultura, da filosofia, à política e à historiografia crítico-literária. Deixou a sua autobiografia intelectual e de figura pública em *Quarenta Anos de Vida Literária* (1903) e *Mocidade de Teófilo* (1920). Faleceu em Lisboa, a 28 de Janeiro de 1924.

² Francisco José Teixeira Bastos – Poeta, jornalista e ensaísta, nasceu em Lisboa, em 1857. Fez o Curso Superior de Letras, onde foi aluno de Teófilo Braga, que o iniciou na filosofia positivista. Fez-se um grande entusiasta, dedicando praticamente a sua vida à divulgação dessa doutrina. Em 1883, publicou um resumo do *Cours de Philosophie Positive*, de Auguste Comte, com o título *Princípios de Filosofia Positiva*. Mesma na sua obra poética é visível essa influência, nomeadamente por via do tema do progresso da humanidade. Como positivista abraçou a causa republicana. Na imprensa colaborou em muitos dos periódicos por onde Teófilo Braga distribuiu o seu pensamento, como *O Positivismo* (1878-1882), *A Renascença* (1878-1879), *O Século* (1881-1983), *Galeria Republicana* (1882-1883), *Revista de Estudos Livres* (1883-1886), entre outras. Foi sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa, eleito em 5 de Novembro de 1891. Deixou uma obra considerável, com mais de duas dezenas de títulos. Faleceu em Lisboa, em 24 de Maio de 1901, como deu notícia a revista *Serões*, no seu número 4, de Julho desse ano, p. 31.

³ Cf. «Novo Centro Republicano», in *O Século*, N.º 9, de 9/01/1881, p. 3.

Apresentava como endereço a Praça S. Paulo, n.º 7, 3.º, em Lisboa; a partir de Junho de 1881 (n.º 9), ou seja, após a interrupção que sofreu, a *Era Nova* **passou a ser propriedade da empresa Silva Lisboa⁴ & Joaquim dos Reis⁵** e transferiu-se para a Travessa da Palha, n.º 149, 1.º, em Lisboa; no interlúdio, apresentou como endereço a Rua dos Fanqueiros, n.º 177, 1.º, também na capital (n.º 8, de Fev./1881). Totalizou **12 números**, cada um deles com cerca de 48 páginas. Estas mudanças foram acompanhadas ainda por uma substituição da empresa tipográfica: a *Era Nova* começou por usar os prelos da **Imprensa de J.G. de Sousa Neves**, localizada na Rua da Atalaia, n.º 65, em Lisboa; depois, passou a imprimir-se na **Typographia Popular**, da Rua dos Mouros, n.º 41, 1.º. Quanto ao **preçário** há a registar uma alteração na passagem de um ano para o outro, indiciando alguma dificuldade na venda de assinaturas, pois embora o preço se mantenha fixo, verificou-se uma diversificação das alternativas de pagamento: de início, apenas se oferecia a assinatura anual, no valor de 3\$000 réis; a partir de Janeiro de 1881 (n.º 7) o preçário passou a contemplar também assinaturas semestrais (1\$500 réis), trimestrais (750 réis) e a venda avulso (250 réis)⁶.

CONTEXTO HISTÓRICO

Difícilmente se poderá deixar de relacionar o lançamento da *Era Nova*, em Julho, *com* o imponente cortejo cívico que, no mês anterior, havia assinalado o **tricentenário do nascimento de Luís de Camões**. Basta ter em conta que Teófilo Braga, o grande doutrinador da filosofia positiva, foi líder dos dois projetos. De qualquer forma, no editorial de apresentação, a revista evoca as ditas comemorações e confirma a unidade doutrinária que subjaz às duas

⁴ António Policarpo da Silva Lisboa Industrial e jornalista nasceu em Lisboa a 5 de Dezembro de 1851, filho de uma família modesta. Depois de completar os estudos preparatórios, começou a trabalhar. No contato com as duras realidades da vida do operariado, depressa adquiriu uma consciência revolucionária, envolvendo-se com o movimento socialista a partir de 1870. Espírito combativo, com sentido de justiça e dotado de uma palavra enxuta, tornou-se um líder entre os seus camaradas. Conheceu o presídio, sob a acusação de ser um dos principais instigadores das greves dos manipuladores do tabaco. Posteriormente, aproximou-se dos republicanos, a quem prestou valiosos contributos. Foi candidato republicano pelo Porto (1887). Também fundou e geriu vários centros republicanos, como o Henriques Nogueira (1881). Integrou o Diretório do Partido Republicano, em 1883, juntamente com Elias Garcia, Bernardino Pinheiro e Teófilo Braga. Foi um acérrimo defensor do associativismo, tendo presidido à *Associação dos Empregados do Commercio de Lisboa*, à *Caixa Económica Popular* e ao *Club Gimnástico de Lisboa*. Foi um dos sócios fundadores da Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses (1880). Na imprensa, a sua prosa acesa encontra-se distribuída por periódicos como *A Republica Federal* (1869), *O Trinta Diabos Junior* (1870-78), *A Democracia* (1872-1881), *O Trinta* (1879-81), *O Rebate* (1873-74), *Folha do Povo* (1891-98), *Era Nova* (1880-81), *O Século* (1881-1883), *Galeria Republicana* (1882-1883), *A Era Nova* (1882-1883) e *Brasil-Portugal* (1899-1914). Desconhece-se a data do seu falecimento.

⁵ Ignora-se a identidade deste personagem, com exceção de que era o proprietário e diretor da Empresa Litteraria Luso-Brazileira – Editora, cuja sede em Lisboa, na Travessa da Palha, coincide com o segundo endereço da *Era Nova*. Informação que recolhemos de publicidade presente em periódicos da época.

⁶ Esta informação sobre os proprietários, os endereços, as tipografias e o preçário não está visível nos exemplares aqui digitalizados, pois consta nas capas de cada número, que foram retiradas aquando da encadernação. Recorremos a uma coleção integral existente na Biblioteca Nacional de Portugal.

iniciativas: «Esta imponente solemnidade popular, exercida pela disciplina positiva, fica na história portuguesa, como o limiar de uma nova phase, como o princípio de uma *Era Nova* de revivescência nacional.»⁷

Embora de natureza diferente, estamos perante dois eventos que tiveram por objetivo a **unificação das várias correntes e grupos presentes no renascente movimento republicano** (federalistas, democráticos, unitários e radicais) e a criação de uma **corrente de opinião favorável à ideia da República**. Objetivo que recebeu um forte estímulo do reordenamento dos partidos monárquicos, com a criação, em 1876, do Partido Progressista (por fusão entre históricos e reformistas). E também não foi alheio à crescente recetividade do operariado e outros trabalhadores, sobretudo das cidades, à propaganda socialista, ao desenvolvimento dos sindicatos e a outras formas de organização para defesa dos interesses comuns. Aliás, o Partido Socialista foi fundado exatamente nesse ano de 1876.

Em Junho de 1880, os progressistas conquistaram pela primeira vez a cadeira da governação, com um ministério presidido por Anselmo Braamcamp. A ascensão ao poder da “esquerda monárquica”, que tivera o patrocínio do rei, tinha em vista instituir o modelo do rotativismo político, de inspiração inglesa. Acreditava-se que assim a monarquia constitucional estaria mais sólida e capaz de responder à crescente conflitualidade social e política. Mas o esquema gorou-se sob o impacto económico da crise financeira (1876) e do ativismo republicano e de outras forças mais radicais.

Numa leitura pragmática do xadrez político, orientada para a manutenção do poder, aos dois partidos monárquicos não repugnavam as aproximações e alianças circunstanciais com alguns líderes republicanos. Entre estes, por entendimento tácito para alcançar o poder ou ambição pessoal, também não faltou quem alinhasse nesse jogo dúbio, o que aprofundou as divisões existentes no movimento. Em Dezembro de 1876, o grupo federalista, um dos mais dinâmicos e crítico dessas manobras, acabou por ser expulso do **Centro Democrático Republicano de Lisboa**, que fora criado uns meses antes (Abril), no embalo do sucesso registado pelo «jantar democrático». Os federalistas procuraram organizar-se autonomamente e, a 2 de Janeiro de 1879, fundam o **Centro Republicano Federal**, com sede no Largo do Contador Mor. Uns meses depois (Setembro), constituía-se no Centro o Partido Republicano Federal, que teve na presidência do seu comité central Teixeira Bastos, um dos animadores da *Era Nova*.⁸ Em Fevereiro de 1881, uma notícia d’*O Século*, sobre a realização no Centro Republicano Federal de umas conferências de homenagem a um correligionário, dava conta que o mesmo era presidido por Teófilo Braga e que se encontrava sedado na praça de S. Paulo, 7, 3.º, em Lisboa, endereço que, até à data, correspondia ao da *Era Nova*. Mais um facto que vem confirmar a relação entre os federalistas (ou parte deles) e os positivistas.⁹

⁷ Cf. «Era Nova», in *Era Nova*, N.º 1, Julho de 1880, p. 1.

⁸ CATROGA, Fernando – *O Republicanismo em Portugal. Da formação ao 5 de Outubro de 1910*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1991, vol.1, pp. 39-40.

⁹ Cf. «Centro Republicano Federal», in *O Século*, N.º 37, de 18/02/1881, p. 2.

Na perspectiva dos federalistas havia ainda muito caminho a percorrer para alcançar essa almejada “era nova”, que tomaria a forma de República. Ganhar uma cadeira de deputado não era uma prioridade, podia até ser contraproducente, advogavam, pois corria-se o risco de ficar refém do rotativismo¹⁰. O imperioso era combater o regime monárquico e o clero, fontes originárias da decadência que assolava a nação. Assim o defendia, Teófilo Braga, num dos primeiros números de *O Século*, que regularmente publicava os seus artigos sobre doutrina positivista: «O trabalho efectivo consiste em activar, acelerar, provocar, tornar evidente a decomposição de um systema político de embuste, que hypothecou Portugal aos banqueiros ingleses, e que amordaçou a classe media interessando no juro das inscrições, para exercer assim o poder absoluto, sob a simulação exterior do parlamentarismo.»¹¹

A eficácia dessa ação de “desgaste” seria tanto maior, quanto os republicanos se apresentassem unidos e munidos de um corpo de ideias claras e mobilizador. A filosofia positivista *comteana*, que começou por ser cultivada nos meios académicos, e foi sendo temperada com o contributo de outros pensadores, como Littré, Spencer, Darwin, Bernard e Taine, era a que melhor respondia a esse desiderato. De facto, partindo de uma conceptualização da sociedade como um organismo, subordinado a leis possíveis de serem estudadas, edificara-se uma teoria política, onde a República se apresentava como um estágio natural, decorrente do evolucionismo social e não como resultado de qualquer luta revolucionária. Portanto, uma proposta, que além de reivindicar um estatuto científico, buscava no *consensus* a sua marca aliciante, na medida em que perspectiva a mudança exigida pelas correntes mais radicais ou socializadoras, sem pôr em causa a ordem venerada pelos mais conservadores: «As aspirações revolucionárias converteram-se em opiniões positivas; a agitação desordenada sucedeu a propaganda pacífica da doutrina; a relatividade substituiu o absoluto metaphysico; os elementos de resistência disciplinaram-se pelo critério philosophico; o espirito positivo propaga-se rapidamente e vae-se apossando da direcção das sociedades.»¹²

Era uma proposta global e reconfortante, pois explicava os antagonismos do passado e oferecia um esboço de um futuro promissor. O melhor testemunho desta ação benéfica da ciência positiva estava em França, onde os republicanos, unidos sob orientação do positivismo, tinham vencido as eleições e confirmado a III República, sob a presidência de Jules Grevy. Mas também «Na Itália, na Inglaterra e na Alemanha a disciplina científica tende igualmente a dirigir a sociedade. Na Hespanha tem poucas adesões porque se encontra ainda no conflicto da teologia com a metaphysica.» O caso português era encarado com muito otimismo pois «a filosofia positiva encontrou adeptos com mais facilidade, porque a dissolução theologica fôra apressada pela educação metaphysica e scientifica da Universidade, das Polytechnicas e das Escolas de Medicina.» Além do mais, «O próprio sentimento nacional aceita esta

¹⁰ Embora Teófilo Braga defenda esta tese, por mais de uma vez foi candidato pelos republicanos, nomeadamente no ano de 1881, pelo círculo 94.

¹¹ Cf. «Disciplina do partido republicano» in *O Século*, N.º 19, de 27/01/1881, p. 1.

¹² Cf. «Era Nova», in *Era Nova*, N.º 1, Julho de 1880, pp. 1-2.

orientação, como se viu há poucos dias pela celebração do Centenário de Camões.»¹³

Em resumo, era tempo de mobilizar pela propaganda doutrinária, **tarefa que competia em grande parte à imprensa e, portanto, não é de estranhar que os periódicos positivistas proliferem nos meios urbanos**, por esta altura uns, de natureza essencialmente científica ou cultural, mas igualmente “positivificadores”; outros, mais politizados. Esse movimento ter-se-á começado a esboçar na cidade universitária de Coimbra, onde apareceram: *A Evolução* (1876-77), fundada por Alexandre Conceição; *O Século* (1877), dirigido por Correia Barata e Zeferino Cândido; *O Partido do Povo* (1878), de Manuel Emídio Garcia; e *O Positivismo* (1878-1881), sob a direção de Júlio de Matos e Teófilo Braga.¹⁴ Em 1880, Lisboa conhecia a *Era Nova*. **É possível que tenha sido o primeiro periódico dedicado à divulgação do positivismo da capital**, pois não encontramos outras referências, mas não o podemos garantir.

PROGRAMA E COLABORADORES

Os propósitos programáticos da *Era Nova* foram explanados neste termos: «O pensamento que nos guia na fundação d'este periódico é consignar mensalmente os factos significativos da evolução progressiva da nossa nacionalidade no sentido da reorganização social e procurar contribuir para o maior desenvolvimento da disciplina positiva das aspirações modernas por meio de estudos científicos, de ensaios sociológicos, de monographias, de criticas, de trabalhos literários, etc., tudo, mais ou menos subordinado ao critério seguro da filosofia positiva.»¹⁵ Atente-se no otimismo sóbrio, na frieza científica, que se desprende do discurso. Não são feitas denúncias, acusações, nem se lançam farpas a ninguém. Na perspetiva dos positivistas, seria um esforço desnecessário. A evolução faz parte do curso imparável da história, pretendem apenas monitorizá-la, oferecer pontos de observação ao leitor, contribuindo deste modo para um mais rápido propagar da ideia. Os autores que se encarregaram dessa perspetiva possuem, na maior parte dos casos, uma formação superior no domínio das ciências da natureza, da medicina, das matemáticas, etc. Ainda assim, um grupo heterogéneo, do qual fizeram parte: Alexandre Conceição (1842-1889)¹⁶, Augusto Rocha¹⁷, Francisco d'Arruda

¹³ *Idem*.

¹⁴ Cf. CATROGA, Fernando Almeida «Os inícios do Positivismo em Portugal. O seu significado político-social». In *Revista História das Ideias*, Vol. 1 (1977), pp. 38-43.

¹⁵ Cf. «Era Nova», in *Era Nova*, N.º 1, Julho de 1880, pp. 1-2.

¹⁶ Alexandre Conceição Poeta, jornalista e engenheiro; nasceu em Ílhavo, no ano de 1842 e fez o curso de engenheiro na Academia Politécnica do Porto. Enfileirou no movimento republicano e fez-se um jornalista combativo e um propagandista determinado. Os primeiros poemas que se lhe conhecem foram publicados no jornal *A Grinalda* (1855-1869), de que foi colaborador. Em 1865, publicou o seu primeiro livro de poesia, *Alvorada*. Fundou a revista literária *A Evolução* (1876-1877) e em 1881 publicou *Ensaios de crítica e literatura*. Sustentou longa e dura polémica literária com Camilo Castelo Branco, despoletada pelo livro *Eusébio, Macário*. Não descurou a sua carreira de engenheiro e o seu nome ficou associado á construção de alguns portos. Os seus poemas e textos entram-se distribuídos por publicações diversas como, *O Século* (1881-1883), *Ocidente* (1877-1915), *Jornal do Porto* (1859-1892), entre outros.

Furtado (1854-1887)¹⁸, Francisco de Paula e Oliveira, José Leite de Vasconcellos (1858-1941)¹⁹, João Teixeira Soares, José Augusto Vieira (1856-1890)²⁰, Júlio de Matos (1856-1922)²¹, Narciso Alves Corrêa (1860-1906)²²,

¹⁷ Augusto António Rocha Médico, nasceu a 30 de Julho de 1849, em Coimbra, onde também estudou medicina. Fez o seu doutoramento em 1876. Viajou muito, com o objetivo de conhecer os mais avançados estabelecimentos e projetos votados às ciências médicas. Foi professor da faculdade onde se formou e o seu nome ficou associado à criação dos gabinetes de Microbiologia e de Análises Químicas. Espírito aberto e ciente do contributo das ciências para o progresso humano e social, não descurou a questão da divulgação e da troca de ideias. Desde cedo fez-se colaborador regular da imprensa médica de Coimbra, como *O Instituto* (1852-1981) e o *Jornal Estudos Médicos* (1878-1881). Fundou a revista *Coimbra Médica* (1881-1992), onde por muitos anos foi redator principal. Como republicano militante colaborou também no jornal *O Partido do Povo* (1879?-1881) e com José Falcão fundou *A Justiça* (1878). Era sócio da Academia de Ciências e do Instituto de Coimbra. Faleceu na terra natal, a 30 de Janeiro de 1901.

¹⁸ Francisco d' Arruda Furtado Biologista e investigador reconhecido. Nasceu em Ponta Delgada (Açores), a 17 de Setembro de 1854. Começou a sua carreira como amanuense, mas sempre sentiu uma grande atração pelas ciências, as artes e a literatura e sempre as cultivou com afinco. Em 1884, veio para Lisboa, na ideia de conseguir uma colocação compatível com os seus interesses e conhecimentos, e venceu. Começou por arranjar colocação no Museu de Lisboa (seção zoológica) e a partir daí construiu uma carreira notável, centrada na zoologia, etnologia e etnografia. Como muitos cientistas da sua geração deixou-se cativar pela doutrina positivista e pelo republicanismo. Parte substancial da sua obra foi publicada em periódicos como *A República Federal* (1880), *O Positivista* (1878-1882), *Era Nova* (1880-1881), *Jornal das Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais*, da Academia Real das Ciências de Lisboa (1866-1927), *A Época*, *Gazeta Açoreana*, *Vanguarda* (1880-1881), *O Século* (1881-1883), *Enciclopédia Republicana* (1882), entre outros. Foi sócio da Sociedade de Geografia de Lisboa. Faleceu em Ponta Delgada a 21 de Junho de 1887.

¹⁹ José Leite de Vasconcelos Etnólogo e filólogo reconhecido, nasceu em Tarouca, na freguesia de Mondim da Beira, a 7 de Julho de 1858. Desde muito jovem que sentiu grande atração pela arqueologia. Fez o curso de ciências naturais, na Escola Politécnica do Porto, mas acabou por enveredar pela medicina, que concluiu em 1886, embora praticamente não a tenha exercido. Em 1901, defendeu uma tese de doutoramento, na Universidade de Sorbonne, centrada na evolução da língua portuguesa. Desenvolveu prolífera atividade em institutos, sociedades científicas e academias, nacionais e estrangeiras, votadas à cultura e à ciência, nomeadamente: na Biblioteca Nacional, onde foi conservador, a partir de 1887; no Museu Etnológico de Lisboa (1893), que fundou e dirigiu; na Associação dos Arqueólogos Portugueses e na Academia das Ciências. Também se dedicou ao ensino. Deu aulas no liceu Central de Lisboa, na Academia de Estudos Livres e, depois de regressar de Paris, foi professor de Filologia da Faculdade de Letras de Lisboa. Como cientista não foi imune ao positivismo, nem tão pouco ao movimento republicano. O seu conhecimento ficou plasmado numa vasta obra ensaística e monográfica, bem como em diversas publicações periódicas, algumas das quais fundou e/ou dirigiu, como *O Pantheon* (1880-1881), *Revista Lusitana* (1887-1943) e o *Arqueólogo Português* (1895), e onde manteve uma colaboração regular, nomeadamente na *Era Nova* (1880-1881), *Enciclopedia Republicana* (1882), *Revista de Estudos Livres* (1883-1886), *O Dia* (1887-1941), *Revista Científica do Porto*, entre outras. Faleceu em Lisboa a 17 de Maio de 1941.

²⁰ José Augusto Vieira Médico e escritor, nasceu em Valença, a 13 de Julho de 1856. Completou o curso de Medicina, da Escola Médico-Cirúrgica do Porto (1880). Optou pela medicina militar, atingindo o posto de cirurgião-mor. Serviu na Guarda Fiscal. Sempre cultivou as letras e o livro que dedicou à região que o viu nascer, *O Minho Pítoresco* (1886-1887), conferiu-lhe, à época, uma certa celebridade. Foi colaborador literário de alguns periódicos, como *A Folha Nova*, *Era Nova* (1880-1881) e *Revista de Estudos Livres* (1883-1886). Usava com frequência o pseudónimo «Rui de Pina». Faleceu muito novo, com apenas 34 anos de idade, a 13 de Julho de 1890, no Porto.

²¹ Júlio Xavier de Matos Psiquiatra reconhecido, nasceu no Porto a 26 de Janeiro de 1856. Formou-se na Escola Médica do Porto, defendendo uma tese sobre *Patologia das Alucinações*.

Reis Dâmaso (1850-1895)²³, Silva Graça (1858-1931)²⁴, Simão Rodrigues Ferreira, Teixeira Bastos e Theophilo Braga, que se dedica fundamentalmente a expor a sua teoria da literatura.

Por Rita Correia

Lisboa, HML, 2 de Maio de 2013.

Teve uma longa e prestigiada carreira, centrada nos problemas psiquiátricos. Dirigiu alguns estabelecimentos hospitalares, nomeadamente o novo manicómio construído em Lisboa e que veio a tomar o seu nome. Também lecionou na sua área de especialidade. Foi membro do conselho Médico-Legal, sócio da Sociedade de Ciências Médicas, da Academia de Ciências de Lisboa, etc. No seu tempo, foi considerado o maior alienista português. Deixou publicada uma obra considerável, uma parte da qual na imprensa médica ou de cariz científico. Fundou com Teófilo Braga a revista *O Positivismo* (1878-1882) e foi colaborador da *Era Nova* (1880-1881). Faleceu em Lisboa, no ano de 1922.

²² António Narciso Rebêlo Alves Correia Nasceu a 25 de Maio de 1861, em Vila Real. Começou a trabalhar como farmacêutico, mas abandonou a profissão para se dedicar ao jornalismo de combate pelos ideais republicanos. A sua prosa erigida encontra-se dispersa por vários periódicos. Colaborou com *O Trinta* (1879-1881), *Era Nova* (1880-1881), *O Século* (1881-1893), *Froebel* (1882-1884) e *A Folha do Povo*; fundou o jornal *Os Debates* (1891) e dirigiu *A Vanguarda* (1891) e *O Paiz* (1895-1898). Faleceu em Lisboa, a 5 de Janeiro de 1900. Depois de implantada a República, a Câmara Municipal de Lisboa decidiu homenageá-lo atribuindo o seu nome à rua de São José. Mas, a 28/05/1956, por via de um edital, a Rua Alves Correia voltou a denominar-se Rua de São José.

²³ José António dos Reis Dâmaso – Jornalista e bibliotecário, nasceu em Lagos, a 2 de Dezembro de 1850. Concluiu o curso de Letras, em Lisboa, no ano de 1887. Por essa altura, já a sua prosa literária marcava presença em jornais como a *Revolução de Setembro* (1840-1901), *Gazeta de Setúbal*, *Liberdade*, entre outros. E desde 1883 que era conservador das bibliotecas da Câmara Municipal de Lisboa. Dirigiu o *Arquivo Literário*, a *Aurora Académica* e a *Enciclopédia Republicana* (1882). Colaborou com muitos outros jornais e revistas não só de Lisboa, como da província e até do estrangeiro. Literariamente, revelava uma certa afeição pelo naturalismo e a exploração das tradições populares. Publicou alguns romances, contos e dois esboços biográficos: um, sobre João de Deus e outro, sobre Teófilo Braga. Faleceu em Lisboa, a 17 de Abril de 1895.

²⁴ José Joaquim da Silva Graça Jornalista e diretor de *O Século*, nasceu em Pedrogão Grande, a 25 de Abril de 1858, filho de uma família de poucos recursos. Veio para Lisboa jovem à procura da sua oportunidade. Empregou-se como empregado do comércio, mas não se deu por satisfeito. Pouco tempo depois de *O Século* iniciar a sua vida editorial, conseguiu colocação como empregado da administração e não tardou a atrair a atenção pelo seu empenho e sintonia com a causa republicana. Entretanto, foi também ensaiando os primeiros artigos doutrinários. Subiu rapidamente na cadeia hierárquica: em 1881, tornou-se administrador; em 1889, fez-se sócio da empresa; em 1896, assumiu a direção do jornal. Foi um homem empreendedor e criativo. Foi o responsável pelo lançamento do *Suplemento Humorístico* e da *Ilustração Portuguesa* e revelou preocupação com a melhoria da qualidade gráfica das edições, por via da renovação das artes tipográficas, da fotogravura e da impressão. Em 1921, abandonou *O Século*, embora o seu nome continue a figurar no cabeçalho, e fixou residência em França, onde veio a falecer a 5 de Maio de 1931.

BIBLIOGRAFIA

Grande enciclopédia portuguesa e brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., 1978.

CATROGA, Fernando *O Republicanismo em Portugal. Da formação ao 5 de Outubro de 1910*. Coimbra: Faculdade de Letras – Gabinete de Publicações, 1991. ISBN: 972-9038-14-7.

Idem «Os inícios do Positivismo em Portugal. O seu significado político-social». In *Revista História das Ideias*, Vol. 1 (1977), pp. 38-43.

MÓNICA, Maria Filomena, dir. – *Dicionário Biográfico Parlamentar 1834-1910*, Coleção Parlamento, Vol. 1 (A- C). Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Assembleia da República. Parlamento, 2004. ISBN: 972-671-120-7.

MENDONÇA, Artur B. e MARTINS, José M. «O Jornalista republicano Alves Correia. Antologia». [Almanaque Republicano](#) [Em linha]. Coimbra:16/10/2012 [Consultado a 7/5/2013]. Disponível em:
<http://arepublicano.blogspot.pt/search/label/Alves%20Correia>

Idem «António Narciso Rebelo da Silva Alves Correia». [Almanaque Republicano](#) [Em linha]. Coimbra:16/10/2012 [Consultado a 7/5/2013]. Disponível em:
<http://arepublicano.blogspot.pt/search/label/Alves%20Correia>

Imprensa consultada: *O Positivismo*, anos II-IV (1879-1881); *O Ocidente*, anos III-IV (1880-1881); *O Século*, ano I (1881) e *Diário de Lisboa*, ano I-II (1921-1922).